

se em completa escuridão.

Achamos a passagem entre o pequeno desmoronamento e seguimos o rio por mais algum tempo. Mas logo adiante estava o fim. Lá estava o temível desmoronamento obstruindo a passagem enquanto a água se infiltrava silenciosamente entre os rochedos. Foi aí que terminou para essa vez a exploração da Gruta do Areado Grande.

Ainda na mesma noite, à luz do lampião, fiz o mapa topográfico da gruta. Estava com 1283 m explorados, o que coroava nossa expedição. Estávamos satisfeitos.

Observação: Foram feitas mais três excursões com finalidade de continuidade à exploração da Gruta do Areado Grande:

em 16.10.76 explorados mais 242 m
em 17.10.76 explorados mais 53 m
em 18.02.78 explorados mais 278 m

O total explorado até o momento é de 1856 metros, mas já sabemos que o total da gruta deverá ultrapassar 3000 metros.

* * * * *

POTENCIALIDADES ESPELEOLÓGICAS DO LAGEADO - IPORANGA/SP

Celso F. Zílio

Centro Excursionista Universitário - CEU

A nova divisão de áreas espeleológicas promovida pela SBE destinou ao Centro Excursionista Universitário (CEU) a região do Lageado, no município de Iporanga/SP, lente calcária de grande concentração de grutas e relativamente pouco explorada dado às suas dificuldades de acesso.

Cinco excursões exploratórias foram, até o momento, sistematicamente organizadas para lá (das quais participei de quatro), além de trabalhos espeleológicos terem sido levados a cabo, tais como exploração e escavação paleontológica no Abismo do Fossil (assunto de abordagem à parte).

A primeira, com duração de 3 a 7 de abril de 1977, composta de Roberto, Wendy, Ivo, Luis, Milton, Guilherme e Celso, serviu como um contato preli-

minar com a região e com o Sr. Boaventura, encarregado das terras da Companhia Mineradora Plumbum, que ali explorava a galena. Não dispondo de dados detalhados sobre a região e sobre os trabalhos dos grupos que ali anteriormente atuaram, as tarefas básicas abrangeram:

- a) exploração e detalhamento topográfico do salão do fundo da Caverna da Marreca (descrita nas páginas 23 a 25 do boletim nº 8 da SBE);
- b) descida ao fundo (45 metros aproximadamente) do abismo intitulado Vorigem da Santana Velha, na saída da trilha para a Gruta das Areias;
- c) reabertura da trilha até o Córrego Fundo (caverna descrita parcialmente na página 21 do boletim supra-citado) e penetração na cavidade por cerca de 300 metros;
- d) ultrapassagem do primeiro sifão da Gruta das Areias de Baixo;
- e) descoberta de duas novas cavidades, o Buraco da Porqueira, com 9 m de extensão vertical e o Abismo da Porteira, com 25 m.

Informações sobre esta expedição podem ser encontradas no nº1 d'O Fósforo revista do CEU circulando desde março de 77.

Das alternativas observadas, a caverna do Córrego Fundo se nos mostrou como a mais promissora para um trabalho exploratório. Era sabido que o pessoal do CAP percorrera 1360 m de galerias ali; informações daqueles espeleólogos davam conta que a mesma continuava. A segunda excursão, portanto, objetivou complementar a exploração do clube anterior, revestindo-se de um particular importante: os participantes - Luis, Guilherme, Milton, Toni e Celso - iriam dormir e "residir" no interior da gruta o quanto fosse necessário. A consecução da atividade deu-se de 4 a 9 de julho de 1977 sendo preciso enorme esforço dos participantes para o transporte da carga (auxiliados pela família do Sr. Boaventura) e 111 horas de permanência no interior da caverna (sem a presença de luz solar). Dormíamos em barranco de argila com 2 m sobre o nível do rio. Em termos de reação de elementos do grupo - ressaltou-se que a experiência era a de segunda maior permanência ininterruptas em cavernas no Brasil, suplantada apenas pela Operação-Tatus, do CEU, em 1975 - observaram-se comportamentos semelhantes à Operação-Tatus (longos períodos de vigília-sono, tendências ao não isolamento). Quanto aos aspectos exploratórios, não se conseguiu ir além do ponto de parada do CAP, porque um sifão com teto baixo impede a passagem, sem a parente possibilidade de contorno; entretanto, algumas dezenas de metros foram acrescentados à topografia, face à descoberta de áreas laterais (ascendentes e de difícil escalada). O Córrego Fundo nasce no filito da Serra do Tatu e, ao tomar contato com o calcário, dá origem à caverna, emoldura

da por um paredão de cerca de 80 m de altura. Seu desenvolvimento topográfico processa-se através de planos de verticalização intercalados com os de horizontalização, sendo, de início, necessário vencer dois lances com escadas de 10 m. A cota altimétrica é de 450 m na boca da caverna, havendo, até o sifão final, 192 m de desenvolvimento vertical, uma das maiores cavernas brasileiras. Além deste aspecto, chama a atenção a presença de inúmeros e enormes (alguns com mais de 4 metros de altura) travertinos, bem como das respectivas bacias. Maiores informações a respeito do Córrego - Fundo podem ser obtidas no nº 2 d'O Fósforo.

A terceira expedição visou um contacto com área, segundo informes, inexplorada, da parte sul da lente. Reailizou-se, de 4 a 7 de setembro. Após cruzarmos o corpo das Areias, da cota 220, subimos direto para a cota 500 indo acampar na casa do Sr. Quirino Pinichi, na margem esquerda do ribeirão do Roncador, que desaparece sob blocos abatidos em um paredão de cerca de 60 m de altura. Após intensas pesquisas no desmoronamento, conseguimos achar um caminho e nos esgueiramos em faces calcárias por um ramo diminuto do rio. O calcário mergulha a 45°, sendo, a cavidade em questão, muito mais um abismo que um plano na horizontal. O desnível ali observado é de quase uma centena de metros e o desenvolvimento de quase uma centena e meia, não sendo necessária a utilização de escalada artificial.

O que espanta deveras nessa área é a quantidade de abismos - somente no caminho observamos oito - a maior parte de gênese tectônica; chegam até a causar perigo ao transeunte incauto, como por exemplo o do Perigo (ou da Surpresa), aparecido a poucos anos atrás, depois de um desmoronamento do solo (utilizado pelo Sr. Quirino para cultura de milho). Mediu 25 m. Abismos outros apresentaram metragens diversas, tendo o maior mais de 75 m, ficando alguns para exploração futura, como o da Entalada, cujo nome dispensa maiores comentários. Estivemos ainda no Córrego Grande, a maior "água" de toda a região, considerada pelos moradores como o sumidouro das Areias. O paredão onde mergulha o córrego é impressionante, tendo cerca de 150 m de altura e forma de L. O acesso ao interior da caverna foi sus-tado face a imenso desmoronamento recoberto por vegetação. Alternarivamente tentamos a exploração da parte menor do paredão. Ali encontramos uma caverna formada por desmoronamento, com inúmeras galerias (fendas), sem, no entanto, levar ao corpo do objetivo almejado. O tempo era pouco, a prospecção externa a ser realizada, imensa, por isso regressamos com o intuito de ali levarmos a cabo expedição específica. Participaram da terceira excursão: Hugo, Milton, Clayton, Hilmo e Celso. Informações a respeito da aventura são dadas pelo nº 3 d'O Fósforo (págs. 9 a 11).

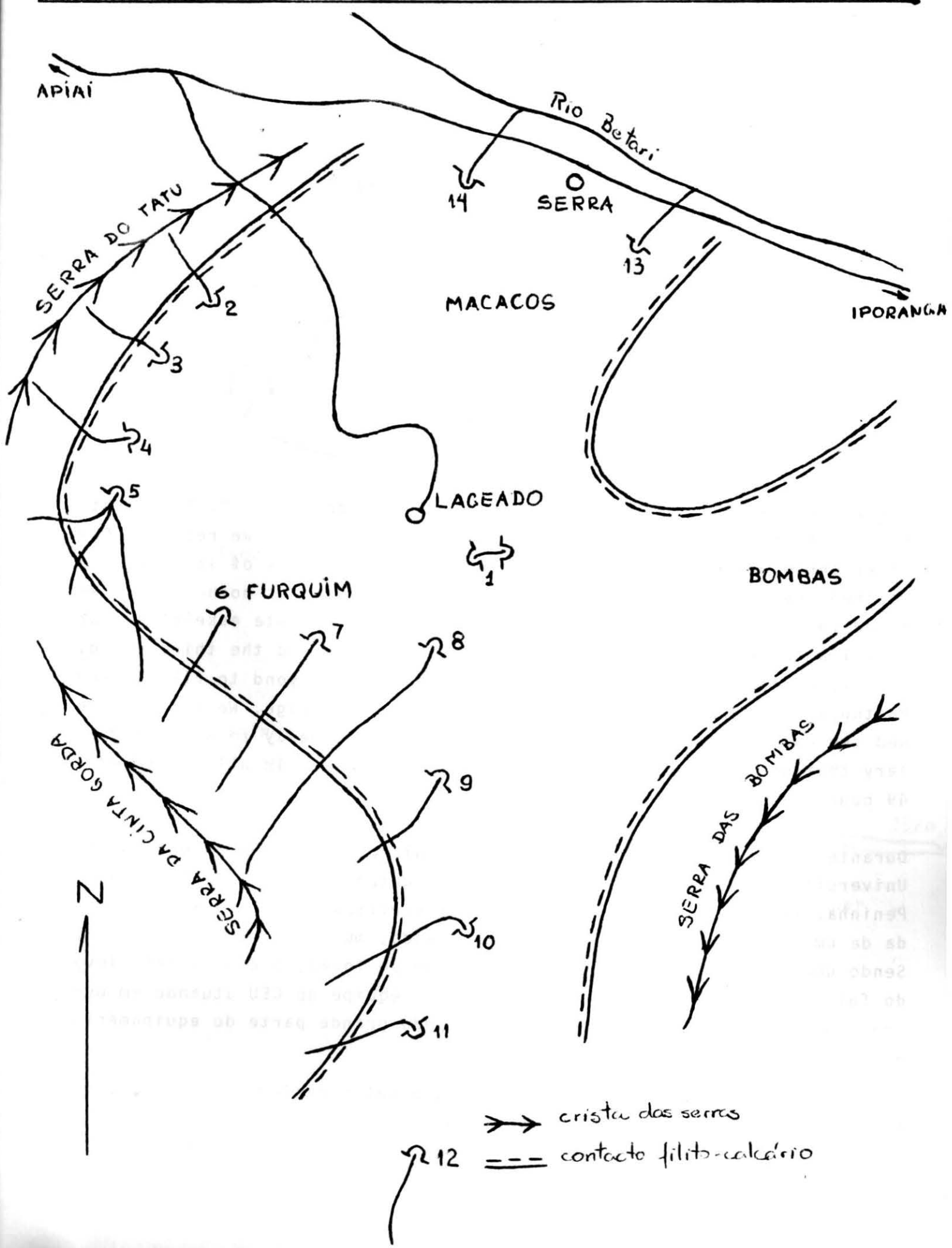
A última visita à região em foco processou-se de 12 a 15 de novembro, sendo o grupo composto por Hugo, Celso, Regina e Eunice (inexperientes). Voltamos à casa do Sr. Quirino. Prospectamos o sudeste da lente, o sítio intitulado de Marinho. A principal cavidade descoberta foi a ressurgência de um córrego na localidade denominada de Marinho. Supusemos, todavia, que a caverna já fosse do conhecimento de um grupo de espeleólogos, entre eles, os srs. Pierre Martin e Guy Collet. A entrada dá-se por uma abertura sobre o leito do rio; com a idéia de estarmos refazendo tarefa cumprida, desistimos após uma centena de metros. Conquanto o grupo tivesse explorado tal caverna, chamada de "Jeremias", escapou-lhes elementos de uma noção de conjunto à respeito da bacia hidrográfica formadora do córrego. Em minha opinião pessoal, os sumidouros de origem da massa líquida estão em área intermediária chamada de Lagoa. Ali descobrimos um sumidouro que se mete sob parede calcária, penetrável parcialmente. A exploração de passagem para plano inferior ali existente ficou prejudicada pela falta de tempo, estreiteza da fenda e redução do grupo (duas pessoas). Ali perto localizamos um abismo com cerca de 30 m em negativo direto, o qual, com sorte, poderá levar a retomada da galeria principal da caverna considerada (Lagoa). A orientação das falhas, a linha de relevo, fazem supor que Lagoa e Marinho possam conectar-se. Sobre esta expedição pode ser consultado O Fósforo nº 4.

Houve ainda uma quinta expedição, para a Gruta Areias de Baixo, em julho, da qual participaram Guilherme, Roberto, Wendy, Lorenzetti e Márcio. A época era de seca e como a equipe havia ultrapassado um teto bastante baixo que durante as cheias provavelmente é um sifão, pensaram estarem em terreno novo e topografaram mais 1500 m. O fato é que essa parte já havia sido explorada, porém não se sabe onde está o mapa original (O Fósforo nº 2, pág. 7).

A observação das áreas consideradas no esboço da região faz inferir que a Gruta das Areias se constitui no principal ponto coletor dos rios subterrâneos. A exploração de recursos que não o de exploração direta das cavidades (coloração, prospecção externa, geologia) poderá responder proxima-mente pelo sistema hidrológico do complexo espeleológico do Lageado:

o esboço esquemático da região aparecem os seguintes sumidouros e ressurgências:

- (1) Caverna das Areias (I e II) *
- (2) Sumidouro do Dunga
- (3) Sumidouro do Capacete
- (4) Caverna do Córrego Fundo *
- (5) Sumidouros da Batalheira, Figueira e Monjolo
- (6) Sumidouro do Manuel Alvares



- (7) Sumidouro da Carniça
- (8) Sumidouro do Córrego Grande
- (9) Caverna do Roncador *
- (10) Sumidouro da Lagoa I
- (11) Sumidouro da Lagoa II (?)
- (12) Caverna do Marinho (ou Jeremias) *
- (13) Caverna das Águas Quentes *
- (14) Caverna do Córrego Seco *

* exploradas

* * * * *

ABISMO DO JUVENAL

Abstracts : We did three expeditions to "Abismo do Juvenal". The first one, in April, 1977, was a recognition expedition, when we reached -85m. After three weeks, taking one hundred and twenty meters of ladders, we reached the end of the abyss (-252 m), Brazil's deepest pothole. We found fossilized bones and teeth on -20 m and a complete eskeleton of an animal on -120 m. In the second week of June we did the third expedi^{ti}tion to do topography and photography of the cave beyond to film and photograph the journey and to colour the pot's drainage. We also contin^{ue}d the exploration and found out a possible passageway to another gallery that was not searched because the lack of time. In all we stayed 49 hours into the cave.

Durante a Semana Santa de 1977, os espeleólogos do Centro Excursionista Universitário (CEU) dividiram-se em duas equipes; uma delas (Clayton, Peninha, Burgi, Coriolano e Betinho) foi verificar uma informação obtida de um dos habitantes da região do Lageado, município de Iporanga-SP. Sendo uma expedição apenas de verificação do local, o equipamento leva^{do} foi reduzido, mesmo porque havia outra equipe do CEU atuando em outro ponto da região do Lageado e utilizando grande parte do equipamento espeleológico do clube.

A informação citava apenas um abismo nunca antes explorado; com os cinco espeleólogos pensando tratar-se de mais um dos abismos de 20 ou 30 m abundantes na região, iniciaram a descida e, surpresos, atingiram a cota -85 m em relação à entrada do abismo. Tendo usado todas as escadas e